

Constituintes também fazem versos. E declamam da tribuna

Telefoto de Luiz Antonio

LÚCIO VAZ



No plenário, Nélson Aguiar lê para Ruy Nedel uma de suas trovas

BRASÍLIA — “Senhores peço a palavra

Pra encaminhar a votação
Da emenda mais importante
De interesse da Nação
Meu discurso é diferente
Resolvi fazê-lo em trovas
Não sei falar comovente
Como fala o Mário Covas”.

Com esta justificativa, já na tribuna da Assembléia Constituinte, o Deputado Nélson Aguiar (PDT-ES) iniciou — em trova — a defesa da emenda visando à proteção do menor.

Num estilo menos direto, utilizando a poesia de Geir Campos, o Deputado Ruy Nedel (PMDB-RS), defensor dos cinco anos de mandato para o Presidente José Sarney, subiu à tribuna para criticar a pressa do Senador Mário Covas em romper com o PMDB:

“Não faz mal que amanhaça devagar

As flores não têm pressa, nem os frutos

Sabem que a vagareza dos minutos

Adoça mais o outono por chegar”.

Nélson Aguiar e Ruy Nedel são conhecidos como os poetas da Constituinte, embora apenas o primeiro escreva versos. Nedel,

na verdade, é apenas um bom declamador. Arriscou alguns versos quando menino, mas, como diz, desistiu aos 11 anos, ao constatar que não tinha queda para as letras.

Nélson Aguiar faz trovas desde o tempo em que lecionava literatura no Segundo Grau, no Espírito Santo. Oriundo do velho PTB pré-1964, ele passou pelo PMDB e recentemente ingressou no PDT.

O mais consagrado poeta da Constituinte, entretanto, não costuma utilizar a tribuna para divulgar o seu trabalho. Sobre o trabalho de Relator Adjunto, o Senador José Fogaça

(PMDB-RS) não tem nem mesmo criado poemas. Mas o seu trabalho está nas ruas, na interpretação de artistas como Fafá de Belém, Mercedes Sosa, Kleiton e Kledir e o MPB-4.

Fogaça está inteiramente entregue à tarefa de elaboração de um novo texto — o da nova Constituição.

— O problema não é o tempo físico, mas o tempo emocional. Não há espaço para emoções subjetivas ou individuais quando se está decidindo o destino do País — afirma Fogaça.

Com Nélson Aguiar, ocorre

exatamente o contrário. Ele compõe as suas trovas na medida em que os fatos acontecem no plenário. Seus alvos preferidos são o Centrão e o Governo Sarney. Mas dispara na direção de quem se coloca à sua frente.

Assim, quando o Ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, lançou a “política feijão com arroz”, ele elaborou a sua trova e correu para a tribuna:

“Ministro arroz com feijão
Mas que negócio sinistro
Será que o povo vai ter
Que engolir esse Ministro?”.

Ao defender o mandato de quatro anos para Sarney, Nélson Aguiar fez uma trova agressiva:

“Sarney nos enganou
Como pode? Quem diria!
Mas quem enganou Tancredo,
A quem mais não enganaria?”
No Capítulo da Reforma Agrária, ele atacou com firmeza o Centrão:

“Lamento que o Centrão erre
Impondo tese contrária
E ao lado da UDR
Impeça a Reforma Agrária”.

E nem mesmo o Presidente da Constituinte, Deputado Ulysses Guimarães, escapa ao poeta: “O Ulysses não é rei
Embora tenha um reinado
Pra tirá-lo do poder
Só um golpe de Estado”.